



O lugar da narrativa de extração histórica na contemporaneidade

Andressa Souza Amorim

Edson Salviano Nery Pereira*

“A literatura, enfim, trabalha o reino da ambiguidade. Suas verdades são sempre subjetivas: verdades pela metade, verdades relativas que nem sempre estão de acordo com a história”.

Antônio Esteves

A história e a ficção trilham caminhos diferentes, mas com uma trajetória em comum: ambas são constituídas de fragmentos do passado e material discursivo, isto é, apesar de seu caráter aparentemente contraditório, a partir do qual a narrativa histórica se nutre de fatos reais e a narrativa ficcional de fatos imaginários, ambas são construções verbais e convergem na finalidade de resgatar o tempo pretérito, ainda vivo, sujeito a revisões, “desenvolvendo os textos do passado com a sua própria textualidade complexa” (Hutcheon: 1991, 141).

No romance histórico, a história e a ficção convergem para resgatar elementos e personagens históricos com o objetivo de corroborar ou carnavalizar o mundo real através do ficcional. São

* Graduandos em Letras na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus Cornélio Procopio.

inegáveis os pontos de convergência entre uma e outra; todavia, quando ocorre o cruzamento das duas esferas, a verdade histórica é ficcionalmente revisitada.

Está claro que literatura e história coexistem desde os primórdios. Como apontam Esteves e Milton (2007), os versos de Homero contavam a história grega e eram considerados literatura; a história dos romanos é contada na *Eneida*, de Virgílio, assim como, mais tarde, as histórias francesa, espanhola e americana também foram ficcionalizadas. Tais obras são hoje utilizadas tanto por estudiosos da história quanto da literatura, disponibilizando o conhecimento sobre o passado de forma histórica, mas também ficcional.

Entende-se que, para se compreender as narrativas que dialogam, de alguma maneira, com a história, é necessário considerar elementos dessas duas instâncias, uma vez que “o conceito de representação é uma falácia para ambas as narrativas, pois é impossível reconstruir o que já não existe” (Nunes apud Weinhardt: 2011, 21).

Segundo Walter Benjamin, “o passado traz consigo um índice misterioso que o impele à redenção” (1994, 223). Sob este aspecto é possível compreender que todo fato histórico carece de revisões, análises e reflexões sobre si e, muitas vezes, impele seus estudiosos para novas constatações e considerações, principalmente as que se voltam para aquilo que poderia ser dito, mas não o foi. Assim, ainda segundo Benjamin, “a história é o objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (p. 229). Afinal,

não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes?
Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emu-
deceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas

não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo (p. 223).

Deseja-se analisar a história isolando os fatos, tornando-os imóveis. Entretanto, como afirma Benjamin,

nenhum fato, meramente por ser causa, é só por si um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar deles separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário [...]. Com isso, ele funda um conceito do presente como um “agora” no qual se infiltram estilhaços do messiânico (p. 232).

Nas narrativas de extração histórica, ao preencher as lacunas da historiografia oficial com a ficção, o autor realiza uma leitura alternativa desse passado, reconstruindo-o em meio a muitas possibilidades que poderiam ser apresentadas como verídicas. Esteves afirma que a literatura tem “a clara função de desmistificar a história para tentar descobrir uma versão mais justa” (1998, 126), pois a história foi escrita sobre grandes heróis e vencedores, fazendo-se necessário dar voz aos esquecidos, oprimidos, excluídos, vencidos.

As narrativas de extração histórica tendem a reconstruir verdades históricas, de modo a recuperar tradições culturais e épocas por meio do imaginário. Sendo assim, por mais documentos que o historiador ou ficcionista disponha, faz-se necessária a

utilização da imaginação para estabelecer relações entre eles na criação dos fatos.

No século XIX, do imbricamento dessas duas formas (história e ficção) de revelar o passado surgiu um subgênero literário, derivado do romance, denominado romance histórico. O termo foi cunhado por György Lukács (1885-1971), que, a partir da aceitação do romance pela classe burguesa, enfocou “essa nova variante narrativa, cujos personagens, ao mesmo tempo em que estão profundamente inseridos no fluxo da história, atuam de modo que explicita as peculiaridades da época apresentada” (Esteves & Milton: 2007, 14).

O que hoje conhecemos por romance histórico é um subgênero narrativo híbrido (cf. Esteves & Milton: 2007, 13), isto é, um subgênero que possui elementos diferentes em sua composição. Apesar de o elemento ficcional partir do histórico e ser sustentado por fatos ou personagens retirados da história, não deixa de ser ficção.

O primeiro romance histórico foi escrito por Walter Scott (1771-1832) e visto por Lukács como marco do surgimento do subgênero. Esteves e Milton apontam que a “consolidação e popularização, no entanto, ocorrerá com a publicação de *Ivanhoé*, em 1814” (2007, 14), seguido de um alastramento por toda a Europa e, posteriormente, pela América.

O romance histórico tradicional, criado por Scott, obedece a dois princípios básicos. Primeiramente, a ação ocorre em um passado anterior ao vivenciado pelo escritor, havendo um pano de fundo no qual se situa a trama fictícia, com figuras históricas e fatos que ajudam a fixar a época. Como segundo princípio, os romances de Scott e seus seguidores ainda introduziam um episódio amoroso, comumente problemático, cujo desenlace podia variar, ainda que

em sua maioria findasse na esfera do trágico. No entanto, o fato de a trama ocupar o primeiro plano e o contexto histórico o pano de fundo não quer dizer que este tivesse importância secundária, já que nele estariam contidos os elementos principais de configuração do ambiente moral do relato.

Registra-se que o subgênero atravessou diversas transformações no que diz respeito ao seu esquema básico, sendo que a primeira ocorreu no Romantismo, quando passou a se adaptar ao contexto social e histórico em que era escrito.

A mudança da concepção do romance, a partir das vanguardas do final do século passado e primeiras décadas deste, acaba, de uma forma ou de outra, marcando o romance histórico. Também muda a concepção do discurso historiográfico e da própria história, afetando uma vez mais o romance histórico, uma forma peculiar de discurso ficcional que se vale amplamente do discurso historiográfico (Esteves: 1998, 131).

Embora os romances de extração histórica não tenham mudado substancialmente ao longo do século XIX, algumas transformações devem ser destacadas, como: a ação principal diz respeito a grandes feitos históricos, passando o elemento fictício para um segundo plano e o protagonismo cabendo a personagens históricos (Vigny); exaltam-se alguns heróis reais, que oferecem lições morais ao presente (Victor Hugo); a ação se desloca para lugares e tempos exóticos (Flaubert); ficção e história se entrecruzam de maneira mais fluida e vital (Tolstói).

A partir dos estudos das manifestações do romance histórico na América Latina, alguns críticos passaram a apontar caracte-

terísticas que marcam a ruptura entre o contemporâneo e a matriz fixada por Scott. Essa ruptura varia de autor para autor, de obra para obra, de modo que há desde enredos próximos do modelo clássico e de fácil assimilação até textos completamente experimentais.

São notáveis as contribuições decorrentes do desenvolvimento e proliferação desse subgênero, que passou a estimular, por exemplo, o aguçamento da consciência latino-americana e o cultivo de narrativas que se propõem a pensar criticamente a realidade. Seu florescimento nesta parte do mundo lhe facultou ser nomeado de *novo romance histórico latino-americano*, como defendem Ángel Rama (1981), Fernando Aínsa (1988) e Seymour Menton (1993), conforme afirma Esteves em *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)* (2010).

É possível perceber nesse processo de escrita a utilização da paródia, partindo para a sátira e o grotesco, como forma de rever a história. Nessa medida, é importante salientar o afastamento do novo romance histórico do romance histórico tradicional. O romance contemporâneo se utiliza do paradoxo da representação para confrontar e analisar o passado, criando assim o exercício de análise crítica do presente, ou seja, conhecer o passado para que se possa entender o presente. Hutcheon destaca, a propósito dessa releitura, que “faz parte da postura pós-modernista de confrontar os paradoxos da representação fictícia/histórica, do particular/geral e do presente/passado” (1991, 142).

Encontramos nos romances históricos da atualidade um novo posicionamento do romancista, que não tem a pretensão de transcrever fielmente os acontecimentos históricos, mas mostrar uma realidade negada pela historiografia oficial, através da paródia, do pastiche, da inversão de valores – brincando com a história ofi-

cial e mostrando novas possibilidades de leitura e compreensão do passado e do presente.

Assim, nas narrativas de extração histórica há uma representação ficcionalizada, sim, mas também preocupada em apresentar um novo modo de olhar, uma nova compreensão do passado, que leve o leitor a uma comparação de verdades, ou mentiras, uma vez que “as mentiras dos romances, então, nunca são gratuitas: preenchem as insuficiências da vida” (Llosa apud Esteves: 2010, 20).

O autor contemporâneo não se sente obrigado a copiar ou refletir o mundo externo e, assim, cria seu próprio universo sem sujeitar-se nem ao pacto da veracidade, que impõe o discurso histórico, nem ao pacto da verossimilhança, que mantinha, de certa forma, o discurso ficcional mais tradicional (Esteves: 2007, 17).

A partir dessa linha de produção das narrativas de extração histórica, chegamos à consideração da história da literatura. Então vemos o cânone literário sendo revisto por meio da paródia, da criação de mecanismos que valorizem a produção ou mesmo a vida de um determinado autor.

Refletindo sobre a história da literatura, Lajolo aponta que ela “é, dialeticamente, parte do todo: é contexto de histórias mais particulares do que ela [...], mas também precisa estabelecer seu contexto em formulações superiores a ela” (1994, 3). Não por acaso, um dos caminhos trilhados pelos autores das últimas décadas é o da revisitação da historiografia literária brasileira.

Nesse sentido, podemos citar Lima Barreto (por João Antônio), Graciliano Ramos (por Silviano Santiago), dentre outros

nomes do cânone literário; e mesmo aqueles deixados de lado pela história literária oficial, como Qorpo Santo, homenageado e revisitado por Luiz Antonio de Assis Brasil em *Cães da província* (1987).

Um exemplo recente dessa revisitação da historiografia literária é *Clarice*, de Ana Miranda, conhecida pela produção de narrativas com embasamento histórico aliando momentos, fatos e personagens públicas do passado a escritores e escritoras nacionais. Nessa obra, Ana Miranda recupera a também escritora Clarice Lispector como personagem ficcional, embora seja possível notar que em nenhum momento o texto resvala para a biografia, confirmando seu caráter ficcional.

Ana Miranda espera um leitor que, conhecendo a obra de sua personagem, possa estabelecer relações de leitura e diálogo entre seus diferentes escritos. Nesse sentido, criou uma persona que deixa Clarice diretamente ligada ao seu eu literário. A ideia foi traduzir Lispector através de livros famosos, como *Perto do coração selvagem* (1943), *A paixão segundo G.H.* (1964) e *A hora da estrela* (1977), construindo, ao mesmo tempo, um texto rico em metalinguagem e intertextualidade, através do uso do pastiche.

Outro caminho utilizado por escritores é o da revisitação historiográfica oficial através da ficcionalização. Nessa esteira, e incentivados pela comemoração dos quinhentos anos do Brasil, é possível encontrar diversos títulos que revisitam o “achamento” da nova terra de maneira ficcional, utilizando-se da paródia, da sátira, do pastiche e de outros recursos estilísticos para brincar com as verdades oficiais.

A falta de unanimidade a respeito da história do descobrimento do Brasil, que está repleta de pormenores e curiosidades, mexe com a imaginação de muitos da nação brasileira. Dessa

forma, temos *Terra papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2000), como um dos exemplares que compõem essa revisitação. São escolhidos sete condenados da frota de Cabral como “servidores de Deus” destinados a ficar nas novas terras, com o objetivo de explorar suas extensões e fazer contato com os “gentios”. Narrada em primeira pessoa, a obra traz, em forma de carta biográfica, as aventuras e desventuras do degredado Cosme Fernandes, que, como narrador-protagonista, revela, por meio da paródia, outra face da história do descobrimento do Brasil.

As histórias regionais também são utilizadas pelos ficcionistas em suas narrativas históricas, como é o caso da história do Rio Grande do Sul. Esta é revisitada por Luiz Antonio de Assis Brasil em praticamente todas as suas obras, das quais doze constam na lista elaborada por Esteves (2010), oriunda de um mapeamento sobre a produção de narrativas de extração histórica no período de 1975 a 2000.

Uma dessas obras destaca-se pelo primoroso trabalho de escrita realizado por Assis Brasil. Trata-se de *Videiras de cristal*, de 1990, que revê a Revolta dos Muckers, conflito regional e religioso ocorrido no Sul do Brasil no final do século XIX, ocasionado pelo desentendimento de protestantes e católicos com os que aderiam a uma nova religião, propagada por Jacobina Mentz Maurer. Em um misto de diário, cartas e narrativas, a obra reconta a vida dos imigrantes alemães no Sul do Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul, suas dificuldades, medos, força e fé. As mazelas de um povo que luta para se firmar, atreladas à pobreza cultural e à alta crueldade de quem detém o poder, são utilizadas pelo escritor para visitar uma das mais importantes revoltas messiânicas ocorridas no Brasil e promover um “lugar” para a memória de Jacobina.

Uma possível conclusão

É possível afirmar que as narrativas de extração histórica, especialmente as produzidas no Brasil, facultam um novo olhar sobre as verdades impostas pela história oficial, seja a do Brasil, seja a da América Latina, estimulando a leitura e o conhecimento crítico, comprovando, assim, a validade das teorias propostas por Aínsa (1988) e Menton (1993), citados por Esteves (2010), em relação à produção latino-americana.

Os narradores dispõem de liberdade para questionar verdades, apresentar novas versões dos fatos e até mesmo promover a revalorização de figuras negadas ou esquecidas. Portanto, entende-se que os romances históricos contemporâneos convergem para o caráter de releitura, ressignificação, revisitação e rememoração que a literatura sempre teve, acrescentando à história, através da ficção, vieses nem sempre permitidos no mundo real.

Referências

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *Cães da província*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: _____: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ESTEVES, A. R. “O novo romance histórico”. In: ANTUNES, L. Z. (org.). *Estudos de literatura e linguística*. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- _____. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- ESTEVES, A. R. & MILTON, H. C. “Narrativas de extração histórica”. In: CARLOS, A. M. & ESTEVES, A. R. (orgs.). *Ficção e história: leituras de romances contemporâneos*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- HUTCHEON, Linda. “Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado”. In: _____. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LAJOLO, Marisa. “Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes”. In: MALARD, Leticia et al. *História da literatura: ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- MIRANDA, Ana. *Clarice*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e contemporânea: desdobramentos e deslocamentos*. Ponta Grossa: UEPG, 2011.

